

A SEMANA

PUBLICA-SE AOS SABBADOS

ANNO III

RIO DE JANEIRO, 6 DE AGOSTO DE 1897
DIRECTOR—VALENTIM MAGALHÃES

VOL. III—N. 436

REDACÇÃO E GERENCIA—RUA DO OUVIDOR N. 45, SOBRADO

REDACTORES

Valentim Magalhães, Filinto d'Almeida,
A. de Souza e H. de Magalhães

GERENTE

G. CABRAL

SUMMARIO

Expediente.....	A REDACÇÃO.
«A Semana».....	FILINDAL.
Historia dos sete diss....	A. de SOUZA.
A Giovanni Emsnuel, poe...	R. POMPEIA.
«Ella».....	H. de MAGALHÃES
Rogério, o ruidé.....	J. C. DOS SANTOS.
Vassalagem, poesia.....	E. FREIRE.
O actor Brazão julgado	J. RIBEIRO.
pelo actor.....	G. DOS SANTOS.
«Versos e Versões».....	P. TALMA.
Ultima esperança, soneto	L. M. BASTOS.
Plebiscito litterario.....	ENRICO.
A Emsnuel.....	
Theatros.....	
Sport.....	
Factos e Noticiã.....	
Correio.....	
Annuncios.....	

EXPEDIENTE

ASSIGNATURAS

CÔRTE

Trimestre.....	2\$000
Semestre.....	4\$000
Anno.....	8\$000

PROVINCIAS

Semestre.....	5\$000
Anno.....	10\$000

Aos nossos assignantes em debito rogamos a fineza de mandar saldar as suas assignaturas e aos que estão quites o obsequio de as reformar pelo somostre que ora começa.

Desde 4 do corrente mez a redacção, gerencia e officinas d'«A Semana» acham-se installadas na rua do Ouvidor n. 45, sobrado.

Partio no dia 12 do corrente a percorrer as provincias do Rio de Janeiro, e Minas Geraes em serviço d'«A Semana», o seu gerente, Sr. Guilherme Cabral. O nosso estimado companheiro tem todos os poderes para representar-nos; por isso rogamos aos nossos amigos e assignantes da provincia quixiram entender-se com elle a respeito de todos os negocios relativos a esta folha.

Foi exonerado do cargo de agente d'esta folha, em viagem pela provincia do Rio de Janeiro, o Sr. Joaquim Rodrigues Pinto filho, actualmente em Campos.

No escriptorio d'esta folha compram-se exemplares dos ns. 1, 2, 6, 23, 26, 45, 54, 56, 57 e 96 d'«A Semana».

BRINDES

A's pessoas que vierem ou mandarem ao nosso escriptorio reformar as suas assignaturas pelo corrente anno e ás que agora tomarem assignatura por um anno, offereceremos um dos seguintes brindes, á escolha:

— *Symphonias*, 1 volume de versos, de Raymundo Corrêa, com uma introdução por Machado de Assis.

— *Vinte Contos*, elegante volume, por Valentim Magalhães. Estelivro não foi posto á venda.

— *Les hommes d'aujourd'hui*, collecção de cinco esplendidas caricaturas coloridas de homens celebres de França, desenhadas por André Gil, Demare e A. Dreux, com as respectivas biographias, escriptas por notaveis publicistas francezes.

— *Pampanos*, versos, de Rodrigo Octavio.

— *Margaritas*, poesias de D. Adelina A. Lopes Vieira.

A's pessoas que tomarem ou reformarem assignaturas por seis mezes, offereceremos um dos seguintes briades, á escolha:

— *Auroras*, versos de Alfredo de Souza.

— *Evangelina*, poema de P. Longfellow, traduzido por Americo Lobo.

A SEMANA

Escrevem-nos de S. Paulo Olavo Bilac e Alfredo Pujol dando-nos a agradável noticia de que vão escrever alternadamente para *A Semana* chronicas litterarias semanaes.

Publicaremos no proximo numero a primeira, escripta por Bilac a respeito de Giovanni Emanuel.

Oxalá que os nossos distinctos colaboradores cumpram á risca a sua bella promessa.

Por nos ter chegado ás mãos demasiado tarde, não publicamos a *Chronica Scientifica*, do Dr. Dodstol, do que pedimos desculpa tanto a este nosso estimado collaborador como aos nossos leitores.

A tyrannia mais nociva aos interesses da arte não é a tyrannia dos déspotas; é a tyrannia dos dogmas. A arte de um povo não cae dsante dos fuzilamentos, nem deante das forcas, nem deante das guilhotinas; cae unica e puramente deanto do dogmatismo, morre ás mãos da rhetorica.

R. ORTIGÃO.

HISTORIA DOS SETE DIAS

Pessimos correm os tempos para os plunitivos extra-politicos, que não vão abuborar-se de assumpto na intriga das duas camaras, e que olham para ministerios, parlamentos e eleições exactamente como aquelle ruminante que costuma, num proloquio popular, olhar para os palacios.

Nós já temos o Gremio de Letras e Artes; precisamos organizar a sociedade do Escondido Fluminense, uma associação que se encarregue de proteger os chronicistas um pouco mais praticamente do que a outra protege os animaes; urge fundar-se um club intrepido, capaz de fustigar este monstruoso hypopotamo immovel e immoto que se chama o Rio de Janeiro, em cujo ventre arde a febre amarella no verão e floresce a variola no inverno.

Emquanto não tivermos este auxilio effizaz, teremos de andar por aqui ridiculamente a saltar do nariz do Sr. Cotegipe para o *cavaignac* do Sr. Coelho Bastas e dos retratos a oleo do senador Corrêa para as intrigas dos bastidores do theatro e da imprensa.

Tristeza como as do naufragio do *Apá*, desgraças, calamidades e lagrymas não vingam achar logar em nosso espirito—ficam sepultadas no coração confrangido e tacito.

Corações que devem estar em festa, banhaos em doce alegria, são os da familia imperial: os ultimos telegramas dão-nos hoas noticias do imperador. Não ha mais duvidas sobre a molestia de S. M. E' positivamente *glycosuria*, mais conhecida pelo nome de diabete: especie de refinação de assucar que o doente traz no interior. Confiouse agora ao fio submarino o que aqui se não quiz confiar á imprensa...

Enfim, como S. M. tem passado bem, como já se lhe vae desobliterando a memoria, como lhe tem voltado a actidade que sempre o distinguiu, devem estar satisfeitos os amaaes das instituições juradas, que em breve verão o imperador tomar as redes da tipoiã do Estado, agora confiadas á mão, dehil mas geerosa e magnanima, da filha do illustre enfermo.

Numa semanaa como esta en não sei como consigo ter tanta graça! Depois de ter passeiado o olhar ávido pelas folhas dos sete dias, sento-me tristoah e meditahundo, quasi lacrimante deante as tiras de papel pautado, crnelmente brancas e vasiaas. «O trabalho fez-se p'ros burros», costuma dizer, por pilheria, o meu harbeiro, que é philosopho quando não tem queixos a escanboar. Talvez que nem as proprias

navalhas lhe comprehendam o alcance da sentença profunda. Ella tem-m'o dicto muitas vezes, mas eu, que desejo illudir-me a mim mesmo, só acredito quando tenho que fornecer ao leitor fuminto o *beef* dissaboroso da minha prosa.

Para ms furtar ás torturns da concepção, que nada de apreciavel produziram o terreno safaro do meu cerehro, ahí transcrevo um pedaço da prosa do oiro de Olavo Bilac. Roubei a trecho a uma carta escripta pelo poeta da *Tentação* de Xenocrates ao poeta dos *Poemas e Idyllos*. Elle dá eloquente idéã do entusiasmo despertado por Emanuel na florescente capital de S. Paulo:

«Que fazer d'esse dinheiro? (2\$000 que sobraram da compra de nmas pilulas.) Pensei em remetter-t'o para ahí. Mas reflecti melhor: comprei flores.

Tenho-as aqui, ao meu lado, sobre a meza: um grande e formosissimo bouquet de Camellias vermelhas e brancas. Estão baratissimas em S. Paulo. Puz-lhe ao centro um cartão: *A Giovanni Emanuel, Rodrigo Octavio*.

E logo mais, d'aqui a poucas horas, quando Othelo cahir morto na incomparavel scena final d'aquelle divina tragedia, cabir-lhe-ão aos pes as camellias com a tua saudação. Assim, longe de Emanuel, 82 leguas longe d'elle, 735 metros abaixo d'elle, terás cumprido o teu dever, saudando o artista mais assombroso qns tem vindo ao mundo. Emanuel! Emanuel! S. Paulo delira. Viva Emanuel!

Domingo á noite, mais de duas mil pessoas acompanbaram em marcha triumphal o grande actor, da *gare* ao Grande Hotel. Eu, o Gaspar, o Wenceslau e o Pujol ficámos com o peito rachado de tanto gritar. Ante-hontem a representação da *Morte Civil* foi um delirio, uma coisa nunca vista. Já não tenho voz para gritar. Mas heide gritar, heide berrar como um allucinado, porque só Emanuel é grande! Quando Emanuel for para Santos, irei para Santos com Emanuel; quando Emanuel partir para Campinas, para Campinas partirei com Emanuel; irei com Emanuel para a Côrte, irei com Emanuel para a Italia, irei com Emanuel para o diabo que me carregue! Viva Emanuel!»

Depois de amanhã, segunda-feira, deve chegar de Lisboa, no *Senegal*, o grande escriptor portuguez Ramalho Ortigão.

O leitor não precisa que lhs eu diga quem é Ramalho Ortigão. Todos conhecem aquelle gigante que ergneu com as *Farpas* o maior, senão o unico, monumento da critica em Portugal: todos conhecem o incomparavel chronicista da *Gazeta de Noticias*, o observador finissimo das *Notas de Viagem* e da

Hollanda. A vinda de Ramalho ao Brazil é um acontecimento de alta importância artistica e litteraria.

Elle foi o verdadeiro fundador da critica na peninsula occidental. O seu estylo inogualavel, faiscante, tersissimo, de uma maleabilidade e de uma justeza admiraveis, tem sido a arma pujante, o ariete, a catapulta formidavel e temerosa que tem demolido todos os baluartes da convenção artistica, da rhetorica litteraria, do preconceito social. Elle tem atacado de frente, audaciosa e tenacissimamente, todos os abusos do poder, todos os ridiculos do povo, todos os desvios da sciencia, todos os erros da arte. Talento superior, com uma orientação recta e segura, com uma educação completa, com um criterio rapido e justo, com uma singular robustez de espirito e com uma audacia inenarravel, Ramalho Ortigão tem conseguido dominar todos os despeitos e todos os odios feridos.

Como Prudhoa, fez da Ironia a sua clava. A sua superioridade sobre os homens do seu paiz e da sua epocha não pôde ser contestada, o por isso o odeiam os crevês da casa Havaneza—que tanto lhe respeitam a satyra como a bengala.

Bordallo Pinheiro, fazendo-lhe a caricatura no *Album das Glorias*, inscreveu este titulo:

« Grande estylo na toilette e na escripta. » Este grande estylo na toilette já lhe tem valido alguns ataques, porque em Lisboa não se admite quem não ande vestido como toda a gente. Foi pela toilette que o censuraram nas festas do centenario de Camões. Elle apresentara-se no cortejo civico, de que tinha sido um dos organisadores, de *veston* abotoado, de grande rosa-chá na lapella e de chapéu de côco. Isto indignou a Lisboa burgueza. Elle vingou-se escrevendo um folhetim engraçadissimo em que perguntava se para outra vez o queriam « de major ou de macaco. »

José Carlos dos Santos, no seu *Album*, conta uma anecdota engraçada.

Transcrevo:

« O theatro normal deve ter sempre no seu repertorio uma peça de um escriptor, de quem as traducções valem tanto como os melhores originaes. »

« Coisa notavel! O publico custou a costumar-se áquella forma verdadeira de falar, e ás vezes parecia que desejava applaudil-o e ao mesmo tempo pateal-o!... »

« Tinha medo d'elle, do seu realismo, da naturalidade das suas phrases. »

« Uma noite chamou-o tres vezes á scena, e, na ultima, meia duzia de individuos patearam-n'o. Perguntado eu depois a alguém que vinha da sala de espectáculo, o motivo d'este facto, responderam-me: — Embirram com elle, porque traz umas gravatas que ainquem usa!... »

D'aqui a dois dias, quando o illustre e grande escriptor chegar, já encontrará a esperal-o a minha entusiastica saudação.

Elle não me conhece, eu nunca o vi— e todavia teaho para com elle uma divida insolavel: devo-lhe a formação do meu character, o desenvolvimento do meu espirito, parte da minha educação; foi com a sua obra monumental que aprendi o pouco que sei escrever e que sei pensar; elle ensinou-me a ver os homens e a ver a arte; rasgou ante mim todo um horizonte de idéas e de principios; ensinou-me a amar a verdade a sinceridade e a audacia; se eu

sei um pouco ser homem moderno, a olle o devo:

Fiquem pois estas linhas aqui, como um protesto de admiração e como um debil e pallido reflexo do meu reconhecimento e da minha profundissima gratidão.

FILINDAL.

No moderno mundo ha doisapparelhos oppostos que equilibram a distribuição equitativa do dinheiro. Um d'esses apparelhos— o aparelho receptor — é o banco. O outro— o aparelho dispersor— é a *cocotte*. Se não existisse a *cocotte*, que devora o banqueiro, o banqueiro acabaria por devorar a humanidade.

A *cocotte* é, pois, como o sapo: — um animal immundo, mas necessario. Vociferar contra a *cocotte* em nome da moral é um erro tão ridiculo como preteader regeneral-a em nome do amor.

R. ORTIGÃO.

A GIOVANNI EMANUEL

REITADA NA NOCTE DE SEU BENEFICIO
NO THEATRO D. PEDRO II

Quando no palco appareces,
Alma e fiôr do palco hodierno,
D'onde vens tu? D'onde deces?
Da estrella? Do azul eterno?

Pendidas do céu pra terra
Ha escadas mysteriosas
Feitas de raios e rosas
Que branca neblia encerra,
Por oade tu'alma risouha
Vae aos sóes e vem ao iaundo,
E pensa, e delira, e soalha,
No que existe de mais fundo?

A Natureza fadon-te!
Um deus os teus passos guia!
Recordas a dor— a noite!
Relembras o riso — o dia!

Teu olhar fuzila e treme,
E' como um astro a brilhar;
Ama, odeia, grita e geme:
Como fala o teu olhar!

Teu gesto resume a idéia,
Tua voz geme e sorri;
Se choras — chora a plateia!
Se ris — a plateia ri!

A Arte é isto — a verdade!
Genio — é ser como tu és:
Tens a eterna mocidade!
E ergue-se o povo aos teus pés!

1887

ALFREDO DE SOUZA.

ROGERIO, O RUDE

Eu um velho appareceu. Muito velho; os cabellos brancos emcalleada coma desciam-lhe aos hombros, tão brancos, tão realmente prata, que todo o ouro do dia nascente não conseguia dourar. Perdia-se sobre aquelle inverno todo o esforço de um sol pujante de primavera.

« Veas, talvez, ao meu appello? Ninguém me pôde valer. Queixo-me do

passado irrevogavel que me preparou esta vida de amnguras. Não ha remedio.

« Nada desejo, entretanto para mim; meu filho são as minhas aspirações e o infeliz, tão moço, é já um condemnado. Eu o quizera illuminado e a escola o repellio. Crescem-lhe pellos á beira da testa como orelhas de onagro e eu lhe quizera um perfil de medalha. Indicolhe a cidade, o caminho largo do successo e o selvagem reclama o campo, o campo. Quizera vel-o calcando aos pés e galanteio das princezas, tapete de corações!... e vou sorprendel-o a desabotoar amor ás virtudes camponias cheirando a estrume e a feno... »

— Tranquillisa-te. Teu filho será grande. Mas é preciso que me ouças. Deixa calhar a fouce; o trabalho é a escravidão. Miseros, aquelles que se escravizam á gleba. O pedreiro acumula a alvenaria, sobrepondo custosamente as lascas de rocha; edifica o fundamento e o esqueleto da muralha. Vem o pintor e encobre a valia de todo aquelle trabalho com a ligeira camada das tintas. E o architecto vem e debucha a linha aristocratica do arabesco, que é como uma inscripção em que se recommenda ao futuro e á gloria. E o estatuario sobre o monumento do pintor e do architecto apoia uma grande estatua, azas de bronze abertas para o céu, como um anjo insolente de genio presto a escapar-se para a apothose. Quem vae lembrar-se, deante d'esta grandeza, do obscuro operario da muralha? O pedreiro trabalha; é o servo; os outros triumpham. Triumphar é fabricar apparencias. O melhor pedestal da nossa victoria é o despeito da concorrência. A evidencia fere o despeito com um deslumbramento. Fabrica a evidencia e verás.

« Nada me perguntes. Bem sei do que digo. Sou muito velho. Chamam-me zombando o *Experiencia*, e eu me chamo Seculo. Sou filho do Tempo e vou... meu destino é ir. Os dias são os meus irmãos; passam por mim, conheço-lhes o sorriso. Toma. Este é o cofre dos meus recursos. Retira a mão, cheia quanto precisares. Tudo terás para teu filho. O condão mysterioso da caixa guarda expedientes contados pelos teus desejos. Tudo terá teu filho. Será grande, illuminado, poderoso. Vencerá distancias sociais e altitudes de prestigio. Fidalgo? É pouco. Principe? Pouco. Moarcha? Ainda pouco. Elle será Papa! Chamar-se-á — Leão. »

E o velho extinguiu-se a uma evasão de sonho, desfeito em nevoa, em nada, como uma forma de vapores no espaço, deixando apenas por momentos a impressão lucida das alvas barbas, como a lembrança de um meteoro.

« Fabrica a evidencia e verás, dissera o velho, fabrica e evidencia. Mas é incrível! A alma latente do mundo não se revela assim... mas este cofre é real, é positivo. Uma illusão palpavel?! E o que será então a realidade? Abramol-o e ensaiemos. »

Aberto o cofre, foi como um derramamento de Paraiso. Expandio-se no ambiente uma sensação de ventura que chegou até ás flores. Os pedunculos dobraram-se vencidos, ternos da morbidez langue do ar,

« Que meu filho appareça. »

E mal fóra este desejo enuciado que surgiu em pessoa Rogerio, o rude, olhos obliquos de selvagem, pellos far-

tos á beira da testa, como orelhas de onagro:

« Que me quereis, pae? »

— Que sejas nutrido... »

E ali mesmo, a olhos vietos Rogerio inchou como um balão, arredondou-se de plastica; exhibiu-se ás ambições paternas, bochechudo como um sopro de Eolo, alteadas as protuberancias da carne em polpas de adipe, avançado e ostensivo o umbigo em prospero ventre de Sileno joven.

« Que sejas bello... »

E no mesmo instante, sobre a gorda prosperidade de Rogerio, abriram-se as rosas da formosura. Esvairam-se os pellos do onagro; o oihar obliquo do selvagem endireitou-se em franca perpendicular, temperada de atrevimento. Fossem lá reconhecel-o, dentro d'aquella frescura macia de côres e de carnes, esgaravatar-lhe a mingudissima parcella de boçalidade agreste que lhe servia de alma, nos intersticios da ironia d'aquelle perenne sorriso de bailarina petulante.

« Que detestes convictamente o campo e todas as suas tentações. »

E no coração de Rogerio nasceu de subito extranho mal estar, a febre dos predestinados; especie de saudade absurda de cousas desconhecidas, grandes ruas, vastas praças, tumultos e movimento durate o dia, luz e festas durante a noite; séde de viagens e fome de aventuras, avidez intensa por grandes tentativas e maiores exitos. Apagou-se a memoria dos primeiros annos, a meninice de poldro solto, a adolescencia de bode farto. Fugio-lhe de vez o aferradissimo apego aos idylls do estrume e dos fenos.

« Parte, meu filho, e vae pelo mundo. Grande has de eer, illuminado e poderoso. Fidalgo? E' pouco. Principe? Pouco. Monarcha? Ainda pouco. Tu serás Papa! Chamar-te-ás Leão. Parte! »

E tantas vezes abriu-se o cofre dos recursos que, Rogerio o rude subio ao throno pontifical.

Mordei-vos, despeitados! Invejosos, imitadores e plagiarios, basbiques das honrarias que levasa a vida olhando para o alto, impotentes de todas as categorias e de todas as ambições, mordei-vos! Elle triumphou. Enthronisou-se no superlativo da pose. Tudo que se arma na terra de brocado e ouro, tudo elle foi; hoje, é Papa e chama-se Leão. Dobrae o joelho; beijae-lhe as pegadas, que cada prego do seu calçado grava no chão um sello de santidade. O favor de um só dos seus olhares exalta-nos e nos enche com a munificencia de Aesuerus. Que se ha de fazer ao homem a quem el-rei quer honrar? Elle olha e basta. Aquelle olhar veste-nos do linho real, e, sobre opulentos jaezes de um corcel altivo, passeia-nos através dos applausos de uma capital em delirio.

Roma é o scenario do seu triumpho, a herdeira uiversal do esplendor artistico das edades, do apparatus ostentoso da humana vaidade no passado, metropole arrogante de todas as emphases do catholicismo, orgulho da gloria dynastica das proprias traducções.

La está.

Deante, rojam-se os cardeaes, fazendo agitar-se em mar de sangue a multilões dos hombros em cabeções vermelhos. Maie baixo, no esenro, a maesa miseravel de uma população prostrada. D'essa humilhação e d'essa oombra,

oleva-se aponas, medroso aiada assim da se elevar, um murmuro de prece. Ao redor do throno, soho o doce, vistosa homenagem da Arte, imagens que passam com a expressão celestial dos rostos de Fra-Angelico, visões da Capolla Sixtina, academias funamhulescas que se contorcem, acrobatas do terror, quo se despenham de toda a altura do Ceu e da Fé—povoando o espaço de aspectos contradictorios em grandiosa desordem, emquanto vibra s avulta, solemne na cupola enorme, a musica dos extases de Santa Cecilia.

E elle no centro, Rogerio, hojo Leão, nutrido o bello, em seda branca, da cor das transfigurações, sob a thiara de ouro, pasmado de se ver tão grande, mal avistando ao longe, na multidão, o pae que o adora de haixo, acaçapado e satisfeito!

Até que um dia, notando-se-lhe espantosa immobildade, como se pela magia transformadora das grandezas, acabasse por se consubstanciar o enthronizado com o throno, alguém usado subio até á eminenca a verificar.

Levantaram-lhe a thiara como uma tampan, e viram, maravilha! e viram, no fundo, socco, mirrado e reduzido...

Rogério, o rude, mórrea havia muito, dentro d'aquella armadura de esplendor e de apparencia, da nostalgia dos seus campos, represalia terrivel da boçalidade ludibriada.

RAUL POMPEIA.

Um grande livro, profundamente benéfico, que hoje se deveria fazer, seria o que tractasso da influencia das esposas sobre a missão social dos grandes homens.

R. ORTIGÃO.

VASSALAGEM

(PANTOUM.)

Passa, levando o balsamo das rosas,
A viração, que o bosque todo embala,
Amo-te, ó mais formosa entre as formosas...
Fala, que eu te ouço embevecido! Fala!...

A viração, que o bosque todo embala,
Beija da gruta a negra hocca e fuge,
Fala, que eu te ouço embevecido. Fala!...
Consente, deixa que a teus pés me arroje!

Beija da gruta a negra hocca e fuge,
Fuge a lufada tepida e sonora...
Consente, deixa que a teus pés me arroje!
Divina! Tu és do peito meu s'nhora.

Fuge a lufada tepida e sonora...
O sol parece um gladiador na arena!
Divina, tu és do peito meu senhora!
Senhora minha, eis teu vassallo: ordena!

O sol parece um gladiador na arena!
Estrepitando, atira-se a cachoeira...
Senhora minha, eis teu vassallo: ordena.
Floresta negra é tua cabelleira.

Estrepitando, atira-se a cachoeira
Da rocha bronca na ruguenta espadua.
Floresta negra, a tua cabelleira,
Bandido, armado de osculos, invado-a!

Da rocha bronca na ruguenta espadua,
Manto de musgo vejo. O Céu tem ninhus.
Bandido, armado de osculos, invado-a,
Essa coma adornada de corymbos.

Manto de musgo vejo. O céu tem ninhus.
Quanta sanefa florida na veiga!
Essa coma, adornada de corymbos,
Contrasta com teus seios pomha meiga.

Quanta sanefa florida na veiga!
De aves festivas cruzam-se revoadas.
Contrasta com teus seios pomha meiga,
Teu olhar, que tem noites e alvoradas.

De aves festivas cruzam-se revoadas,
Lembra o horizonte um muro de alabastro.
Teu olhar, que tem noites e alvoradas,
Seduz-me; mata-me esse olhar, esse astro!

Lembra o horizonte um muro de alabastro.
A trepadeira um velho tronco enreda.
Seduz-me, mata-me esse olhar, esse astro!
O aroma dos teus labios me embebeda!

A trepadeira um velho tronco enreda.
O colibri—passa, galhardo e louco!
O aroma dos teus labios me embebeda!...
Sentes a brisa que osculou-te, ha pouco?

O colibri passa, galhardo e louco,
Pedindo amor ás petalas mimosas!
Sentes? A brisa, que osculou-te, ha pouco,
Passa, levando o balsamo das rosas.

HENRIQUE DE MAGALHÃES.

O actor Brazão julgado pelo actor Santos

Rnmalho Ortigão e Pinheiro Chagas por varias vezes me disseram:

— Porque não faz você o Othello?
— Ah! meus amigos, se eu pudesse... se tivesse forças... mas o monstro pôde esmagar-me; ainda tentei por dozes homeopathics ver se conseguin domesticar a fera.

Fiz-lhe um cerco com o Antony e o Frei Luiz de Souza; mas a arca do peito ainda não tinha poder sufficiente e os pulmões e a larynge podiam atraçõn-me... portanto, recuei... resignei-me... fugi... não me envergonhei de o confessar. O actor que se quizer medir com semelhante adversario precisa de contar bem com os seus recursos. Triste do que, tendo de fazer um papel de tal ordem, vá na esperança de que os mais lhe digam:—fez o que poudo. Ali não ha meio termo: ou vencer ou morrer. Aquelle carneiro preto, como lhe chama o proprio Shakespeare, aquelle doente que precisa de ser estudado pathologicamente, como aconsella o Francisco Hugo, não é para a nossa educação theatral nem para a nossa organização. Brazão não tem peito, nem gesto, nem olhares, nem garganta, nem pulmões para fazer o Othello, nem o Hernani, nem o Ruy Blas. Devia fazer admiravelmente o Carlos V e o D. Cezar de Bazan. Pôde desengannar-se e talvez seja um bem para a sua saude. *Elle bem o sabe, e o publico já lhe disse que nunca poderá fazer tragedia.* Será sempre um primeiro actor de alta comedia, um gentleman, um duque, um diplomata, de uma apresentação distincta e digna; se quizer será o nosso Delaunay. Faça o Duque de Aleria, *Por causa de uma carta*, o *Misanthrope* de Molière, *O copo d'agua* de Scrib. *O duque Job* e todo o repertorio de Alfredo de Musset, até que os auctores portuguezes lhe escrevam peças originaes em que possa brilhar o seu talento. Olhe o meu amigo que vale mais ás vezes andar cá por baixo á ença dos rouxinóis, do que trepar aos pincairos das montanhas com a ambição de conquistar a rainha do ar... ás aguias não se deita facilmente a

mão... Repare bem o meu collega Brazão que não disse não ter estudado os papeis que citei com amor, nem mesmo que os não tivesse comprehendido: disse apenas que não é aquelle o seu genero e que não tem folego para tanto. O Sr. Olivier de Jalia, do *Demi-Monde*, o duque de Richelieu da *Mademoiselle de Belle Isle*, o o Alma Viva, do *Barbeiro de Sevilha*, valem tanto como o Hernani e o Ruy Blas; estude-os, e com os seus recursos verá o resultado que tira. Eu bem sei que os outros seduzem mais; mas é necessario que um actor tenha a coragem de não se illudir e de resistir a tentações.

Um artista que representa deante de um publico que paga não pode teroscaprichos de um amator de theatro particular. Dir-me-á que o Delaunay tambem fez o Hernani, sendo um galan de alta comedia; é verdade que fez, e eu vi-o, foi em 67, no tempo da Grande Exposição Universal; mas concorreu para isso, não a sua vontade, como applicou a Paul de Saint-Victor numa carta. Napoleão III tinha levantado a excommunhão a Victor Hugo, o o seu governo consentio e ordenou que o theatro francez, de onde o *Hernani* estava banido ha muitos annos, voltasse á scena com todo o esplendor, e que os primeiros actores da *Comédie* apresentassem aos visitantes que se achavam então na grande capital os sublimes versos do Homero do occidente.

Não havia nesse tempo na Comelia Francaza quem pudesse fazer o papel senão Delaunay.

No quinto acto já ninguem entendia palavra; se elle estava fora do seu genero... se não podia... mas confessou-o, declarou-o pela imprensa. Estas coisas nunca fica mal confessal-as.

Rossi disse-me uma vez: «Não tenho medo do Salvini senão no ultimo acto do *Othello*. A peça que eu mais desejava representar é o *Ricardo III*, mas não me atrevo, vejo sempre deante de mim o meu mestre.»

Salvini representava esplendidamente o *Milton*, mas quando era cumprimentado pelo seu brilhante desempenho, não deixava nunca de confessar: «Sim... será assim... mas é preciso ver Majerone.»

Depois, quando se dá tragedia numa dicção falsa, a garganta resente-se, os órgãos vocaes desafinam, e quando se volta á comedia as notas sahem asperas, estanguladas e rouquenhias.

Representar seis noites consecutivas uma tragedia, e no dia seguinte uma alta comedia, para isso são precisos dotes excepcionaes e uma voz privilegiada. Ficar morta da cansaço, fatigada da larynge, depois de representar D. Sol, *Phedra*, *Adrianna Lecouvreur*, sem intervalo de dias para descansar, e representar em seguida a *Celime*, a *Belle-Isle*, e a *Mlle. de la Seiglière*, hoje, para esses milagres, só a voz de ouro de Sarah Bernhardt. Portanto, meu collega, aproveite destas mal alinhavadas linhas o que lhe parecer, e olhe que fui amigo, não o comparei a nenhum buccado de lona velha; para mim é o Sr. Delaunay portuguez.

Lisboa, 23 de Janeiro de 1885.

JOSÉ CARLOS DOS SANTOS.

Do «Alhum do actor Santos.»

A servidão não se elimina por um simples decreto.

R. ORTIGÃO.

VERSOS E VERSÕES

RAYMUNDO CORREIA

«... mas para logo destaca-se uma aiada certeza: — que se acabou de ler um livro finissimo, de um profundo e luminoso poeta... São phrases d'outro cantor de illuminada mente, Lucio de Mendonça, theorista, desde academico, da absoluta independencia da Arte com relação á Mornl.

(Lucio foi quem primeir) entre nos propoz, para a esthetica da linguagem rhythmica, o lemma arvorado em mandamento pelo *parnazianismo* francez—a Arte pela Arte.)

Dahi o sentir-se elle ferido de religioso nssombro no percurso d'esso maravilhoso Alhambra, aureo e marmoreo, da poesia brasileira — os *Versos e Versoes*.

Quanto a mim, quasi identica impressão á confessada pelo poeta das *Alvoradas* cauzou-me a leitura dos versos de Raymundo, com esta differença, que eu diria, para mais exactamente pintar a nuança do meu sentimento: — «livro profundo e luminoso de um finissimo artista.»

Em Raymundo, mais vezes do que vão junctos, o artista supplnata o poeta.

Quando este, não raro, deserta do sanctuario onde pereune devern arder o sagrado fogo, deixa por si o primoroso artifice do verso, manejando com inexcédível habilidade na paciente execução de rendilhados poemas—«pincel, lapis, buril, einzel e penna.»

D'ora avante não precisaremos, os poetas brazileiros, de ir á outra banda do Atlantico estudar na poesia de Junqueiro modelos de impeccavel fórma; nos *Versos e Versoes* deu-nos Raymundo um compendio das mais brilhantes, mais bellas e mais insolitas combinações rhythmics.

Se, como poeta, ninguem é artista quanto Raymundo; como artista da palavra nenhum outro, quiçá, depois do seu recente livro, o avantaaja, entre quantos escrevem portuguez, no poder expressivo da linguagem; nem mesmo Camillo, o domador da lingua, nem Ramalho, opulento e brilhante, nem Queiroz, o atticio, que escreve em laminas de bronze com estyléte adamantino.

«Dentro, na esconsa mesa, onde fervia Fulvo enxame de moscas sussurrantes, N'um raio escasso e tremulo do dia Espanjando as azas faiscentes,»

Aqui estão quatro versos que parecem ter sido feitos descuidadamente; entretanto é tão rigoroso o seu lavor artistico, que nem uma d'aquellas palavras poderia ser substituida sem prejudicar a pintura, com tanta unidade executada e feliz acerto de tons; não só dos imitativos—fervia fulvo enxame de moscas sussurrantes,—como dos representativos—espanjando as azas faiscentes, num raio escasso e tremulo do dia.

«Vi-o;—bebedo estava, e iobriantes E capitososinhos mais bebia, E em tedio, como os fartos raminantes, A larga bocca estúpido movia...»

Com que arte sobria está retratado o ébrio! Que longo e modulado bocejo lhe escancara a hocca! Com que fino

tacto foi posto ali nquelle *movia* de tão extraordinario effeito pittoresco!

Não são taes exemplos raros; antes, vem cheio o livro d'outros e mais pro-
hantes, que tornam difficil a escolha.
No *Enterrado vivo* quanta belleza des-
criptiva accumulada em quatro versos:

«E, pesada, eo ranger da mola ferrugenta.
A sege, que te leva, ha de rodar, tirada
Por mãos cavallos, brusca, aos solavancos,
lenta,
Morosa pela estrada»

Só um artista de sentimento esthe-
tico apuradissimo, poderia achar ua
lingua os elementos phonicos para
construir aquelle terceiro alexandrino,
tão brusco e movimentado como o
trambolhão de que dá a ideia.

Varella deixara-nos estes dous ce-
lebres versos onomtopicos:

«Resvalam as balas, relincham cavallos,
Retumbam, rhombam, bombarda e me-
trelha»

Raymundo excede-o nesta e atupenda
onomatopeia:

«... á tua humilde tumba
Lançam a terra soita, em montes, junto á
campa;
E cada pá de terra a detonar retumba
De tumba sobre e tampa...»

Não só na ecclha, mas na expon-
tanea invenção dos sons imitativos das
vozes naturaes, é este poeta por vezes
sorprenhente:

«Dessas manhens, ironica e funesta,
Flores da Juventude e da alegria
Tu semeaste, entre as risombas galas;

«Mas do vento, que, na herpa da floresta,
Gudia e soluça, antes do fim do dia,
Veiu o primeiro sopro desfolhal-as...»

Gudia e soluça... hestava a Ray-
mundo haver creado aquelle neolo-
gismo admiravel, para a lingua portu-
guesa ser-lhe devedora de uma divida
inaolvel. *Gudia*!... Isto não é um
vocabulo, é a corporisação do gemido
do vento ne floresta, é uma entidade
phonica, real e falante, a que Ray-
mundo inauou a vida.

De bellezas semelhantes poderia vir
aqui longa enumeração, que d'ellas
está inçado em cada pagina o livro de
Raymundo; bastam, porém, es citadas
para caracterisar e extraordinario poder
de expressão d'este talentoso es-
criptor.

Os nossos poetas entusiastas, Va-
rella, Castro Alves, Alvares d'Azevedo,
José Bonifacio, quando lhes leio os
arrojados poematos e as soberbas ódes,
— *Pedro Ivo*, as *Voices d'Africa*, *O Redi-
vivo*, — tenho a estranha sensação de
os estar vendo passar como a terrivel
figura de Mazzeppa, levados em tur-
hilhão sobre o dorso de um corcel indo-
mito, sem brida, relinchante, crina
revolta, bufando um resfolgo ardente
pelas narinas ebertas ás virações do
dezereto.

Quando leio Raymundo, transforma-se
o devaneio; e é um picador de alta
gineta que a imaginação me afigura,
impassivel, correcto, cevalgando um
poldro branco de nobre raça; o verso:
— ardente mas docil á brida, cur-
veteando airoso sobre a fina areia das
alamedas, innum quieto parque fidalgo
de velhas arvores magnificas e inuteis.

No escritorio d'este primoroso artista
admiro por equal tanto os diamantes
como os pingos d'agua; o que me mara-
vilha é a nitidez do polimento e a syme-
tria das facetas. Valem pelos melhores
versos do livro aquellas *versões*, imita-
ções, *paraphrases*, nas quaes Raymundo

consegue, mais do uma vez, estar acima
dos modeloa, pela arte com que apro-
pria alheios pensamentos, dando-lhea,
entretento, brilhante relevo na vigo-
rosa orchestração dos seus versos.

Essas *versões* (de Hugo, Richepin, Le-
conte de Lisle, Rolinet, Gautier, Cettulle
Mendés, Coppée,) não trepido em confes-
sar, após confronto, que muitas d'ellas
tenho por superiores aos respectivos
originaes, tão bellos são os effeitos sym-
phonicos obtidos por este musico do
verso.

Pena é que Raymundo não ponha
ao serviço da natureza patria aquelle
peregrino attribuido do seu talento;
senão, de que magnificas télas se opu-
lhentaria nossa litteratura, tão pobre de
originalidade!

Quão preferivel seria que elle, em
vez, por exemplo, de copiar o bello
quadro africano de Leconte de Lisle —
a *Panthera Negra*, surprehendesse cer-
tos aspectos da nossa Natureza e nos
desse paizagens originaes, hrazilieras!

... Uma restinga de matto, á beira
da lagôa, e, circumjazendo, a perder de
vista, campinas verdejantes de macega
tenra. Ao longe passaam gaúchos, á
desfilade. Vem vindo, o gado, sedento
ao behedouro. Do arvoredado umhroso,
cauto espreitando, um tigre faminto
assoma...

Subito, um pulo, e eil-o que préa a
novilha mais nedia da manada. Muge,
fugindo, o gado temeroso; a fera sotur-
namente ruge e crava as garras na
tremete petrina da rez presa. Pelos
ares, grasnantes, vão-se aa aves palustres
avoando; e, aheberado em sangue
e farto, lente, felinamente, o tigre volve
ao esconderijo do arvoredado umhroso.
Entardece...

No entanto, a pouco e pouco, o ser-
tão immenso se despoava e silencia...
Como isto seria bello pintado por
artista de raça como Raymundo, com
o colorido tropical de sua palheta opu-
lenta de tons quaentes!

Dir-me-ão que o juiz de Vassouras
não é atreito a palmitar sertões, nem
goitaria de enfrentar com feras hra-
vas, elle, o poeta nervoso e delicado, que
tanto praz-se no doce convívio das Mu-
ses, *sub tegmine fagi*.

Mas, e inda assim, se aquelle primo-
roso artista só contempla a Natureza
agreste atravez do prisma da phasia,
no aconbeço do gahinete, porque
não poua os olhos do espirito sobre
céus e terras do Brazil, em vez de
andar perlustrando continentes e hori-
sontes longinquoos?

Resumindo-me: Raymundo Corrêa é
antes um artista sabio do que um
poeta inspirado. Os seus versos contém
mais idéias do que sentimentos. Mui
pouco subjectivo, raro nos deixa ver
a alma delicada, e es doces emoções
que a agitam. Aquelle admiravel so-
neto das *Symphonias* — *Mal secreto* — tem,
todavia, mais de um éco no recente
livro de Raymundo: *Renascimento* é um
d'elles.

Variando sorprendentemente a es-
tructura, tamhem varia o poeta a auh-
stancia dos seus poematos. Na *ponta de
uma flecha* é um exemplo de graça e
mimo madrigalescos. *Lodo e estrellas*
são versos superiores a toda aprecia-
ção, pelas pinturas que encerram.

E, como esses, muitos, muitos, mu-
ltos.

Mas quando o poeta predomina sobre

o artista, é então que mais admiro
Raymundo.

Indico entre outros os *Versos d' me-
moria de Arthur Barreiros* e os *Sobre a
morte de Hugo Leal*, sendo os primeiros
insolitamente metrificadoss, além de
profundamente meditados.

Haverá algures mais fiel retrato mor-
tal do poeta do que o contido nestes
versos?

Este, a que o mundo elbar e ouvido
Tape e detesta;
Que, falle á turba e é sempre d'esta
Incomprehendido;
Ante ella, a fronte, onde lhe brilhe
Rutilo estemma,
Digno de regio e aureo diadema,
Jamais humilha.
Se a esponja esgota, em sorvos lentos,
Que o humor amargo
Abeberou, do oceano largo
Dos soffrimentos;
Tambem um sacro fetichismo
O alenta, e, errante,
De sonho em sonho, eil-o em constante
Sannambulismo.

O veio donde promena abundante a
poesia de Raymundo não se exaurirá
tão cedo, porque este artista do verso
meis pensa do que sente. Auguro-lhe
outros estadios cada vez mais aproxi-
mados do superno Ideal.

A arte é a sua religião, elle ha de
chegar á phase do arroubamento exta-
tico. Nesse tempo dar-nos-á a obra
prima da poesia hraziliera.

Entretantes, vae cada vez mais ae
incompatibilisando com o vulgo, e dis-
tanciando-se do applauso das turbas.

Nunca será poeta popular.
Raymundo é um artista para ser lido
por athenienses.

S. Paulo — Julho, '87.

EZEQUIEL FREIRE.

E' a natureza que dá a commoção, é
o estylo que faz a obra, é o homem
que faz o estylo, é a sciencia que faz
o homem.

R. ORTIGÃO.

ULTIMA ESPERANÇA

A RODRIGO OCTAVIO

— Foi aqui! foi aqui — disse consigo, —
Arrebatou-m'o a rapida corrente,
Meu pobre cão, meu derradeiro amigo! —
E resolutto, heroico, de repente,

De agua se lança, impavido, ao perigo,
Ae ondas vence e de vencel-as, sente,
Sente que vae morrer longe do ebrigo...
E nisto ouve uma voz soturnamente,

E mais se escuta agora a voz morrendo...
— Meu pobre cão! mais um miunto! (E, irado,
Sube á garganta o coração batendo.)

E elle, o vencido, misero e saçado,
Ouvio a nra viscera gemendo:
— Tu inda tens um cão, ó desgraçado!

VII—1887.

JOÃO RIBEIRO.

Se é difficil o saber ser mãe, é mais
difficil ainda o saber ser esposa.

R. ORTIGÃO.

PLEBISCITO LITTERARIO

A apuração das cedules recebidas
até hoje deu o seguinte resultado:

Qual o melhor romance?

O Guernany..... 73 votos
Memorias posthumas de Braz
Cuhas..... 55 »
Motta Coqueiro..... 30 »
O Ermitão de Muquem.... 18 »
Fatalidade de dois jovens.... 8 »
Vicentina..... 1 »
Memorias de um sargento de
milicias..... 1 »
Luciola..... 1 »
João e Francisco..... 1 »
O seminarista..... 1 »

Qual o melhor livro de contos ou
novellas?

Papeis avulsos..... 57 votos
Historias sem date..... 30 »
Risos e galhofes..... 8 »
Lendas..... 7 »
Leitura variada..... 1 »
Pillherias..... 1 »

Qual o melhor drama?

Mãe..... 85 votos
Lixo e vaidade..... 24 »
Antonio José..... 15 »
O mulato..... 10 »
Os dois emhuçados..... 1 »
Omphalia..... 1 »
Martyrios de uma familia.... 1 »

Qual a melhor comedia?

Vesperal de Reis..... 85 votos
O Fantasma branco..... 52 »
O noviço..... 38 »
Demonio familiar..... 30 »
Como se fazia um deputado.. 25 »
Amor por anexins..... 8 »
Os sonhadores..... 8 »
Uma scena no sertão de Minas 1 »
O pobre namorado..... 1 »
O Cluh Godipan..... 1 »

THEATROS

S. PEDRO DE ALCANTARA

Companhia do theatro D. Maria II

OTHELLO

Na quinta-feira da semana passada
fez beneficio com a primeira represen-
tação do *Othello*, o notavel e distinctis-
simo actor Brazão.

Os seus admiradores, que são todos
quaentos têm assistido aos seus pro-
gressos e aos seus triumphos, fizeram-
lhe nessa noite de festa uma brilhante
e ruidosissima ovação, e offereceram-
lhe muitos e valiosos mimos.

Sobre a tragedia monumental de Sha-
kepeare já demos a nossa opinião, o
que nos dispensa de apreciar-a agors.
Tractaremos, portanto, unicamente do
desempenho que lhe deram os excel-
lentes artistas da companhia portu-
guesa.

Infelizmente—e com desgosto o dize-
mos—Brazão não é actor para reprodu-
zir o grandioso personagem de Shakes-
peare. Othello é um papel de grandes
linhas e de largo folego. Exige um
actor de solida musculatura e de am-
plos pulmões. Aquelle desvario de
paixão, aquella violencia de tempera-
mento, a propria natureza e a propria
historia do personagem reclamam con-
dições phisicas de que não dispõe o no-
tavel e brilhante actor portuguez. Assim

pois, o seu Othelo não podia deixar de ser um Othelo pequeno, mesquinho, acanhado, sem as proporções que lhe traçou o genio portentoso do Eschylo inglaz. Brazão, finissimo e superior artista para a comedia moderna; natural, elegante, distincto e verdadeiro nos salões do grande mundo e da aristocracia franceza, entende que ha duas verdades na arte, e representa a tragedia a declamar, emphaticamente, quasi cantando; de modo que os personagens absolutamente humanos de Shakespeare parecem personagens de opera lyrica, tão falsos, tão convencionaes, tão mentirosos ficam.

Dizer que o notavel e sympathico actor segue caminho errado representando a tragedia, é rigoroso dever da critica desapaxonada e sincera, pois que a um artista de talento, que tem vontade, que tem aspirações e que estuda, não se deve nunca negar a verdade, nem vacillar na manifestação franca e singela da opinião. Dizer-lhe isto agora, não é tambem novidade: já lh'o disse ha dois annos o grande mestre do theatro portuguez moderno, o inditoso actor José Carlos dos Santos. Em outro logar d'esta folha encontrará o leitor o artigo em que Santos julga o seu collega Brazão, com a isempção de animo a que lhe davam direito o seu saber, a sua posição e a sua desgraça. Nesse artigo poderá ver o leitor que tinha razão no que disse na sua *Historia dos sete dias* do numero passado o nosso collega Filindal.

Apointar a um artista a estrada larga e luminosa da gloria quando elle envereda por trilho errado; dizer-lhe que seja grande no genero em que o pôde ser, e não queira ser menos de mediocre em outro genero, ainda que mais seductor, — não é querer-lhe mal; é querer-lhe bem, é estimal-o, é prezal-o, é ainda a melhor maneira, a mais criteriosa e sensata, de admiral-o.

Brazão, para attingir a realidade dos seus sonhos de gloria, para deixar de si uma reputação immorredora, não precisa fazer a tragedia.

Delanay e Coquelinsão os dois mais gloriosos artistas do theatro da França, e sempre foram actores de comedia.

..

O Yago que nos deu João Rosa é perfettamenteemente o Yago que sempre imaginámos: Perfido, capcioso, maligno, calumniador e insensível, mas de apparencia atrahente e sympathica. E' possível que estejamos em erro com o notavel artista, mas não comprehendemos que os Yagos sombrios e soturnos, assim como os carregadamente grosseiros, possam illudir todas as pessoas que se lhes aproximam, e até a propria esposa, que lhe não conhece senão no final da peça, e com extrema indignação, toda a baixeza do caracter. No *Othelo* que nos deu a companhia portugueza foi supprimido todo o segundo acto, onde se accentua poderosamente, na acção e em dous bellos monologos, o typo do alferes veneziano. A supressão do segundo acto é duplamente desastrada: falseia e torna incomprehensivel a urdidura dramatica da peça, e rouba ao papel de Yago a impressão decisiva, o traço profundo com que o genio de Shakespeare nesse acto desenhou o seu famoso personagem.

João Rosa, dada aquella interpretação — qua applaudimos porque nos paraca a verdadeira — fez uma esplendida criação. O seu typo apparece-nos inteiriço, rigorosamente desenhado,

com uma egualdade sorprendente, com uma cohesão admiravel entre a acção e os factos.

O dialogo do segundo quadro com Rodrigo — *Mette dinheiro na bolsa* — foi dicto primorosamente; o estribilho é proferido no mesmo tom da phrase que o precede, e é de notar o intenso e bello colorido de toda a *fala*, que pela sua longura offerece ao artista uma grande variedade de tons. Vê-se com que amor, com que cuidado e com que methodo o artista estudou o seu personagem. Ha no Yago de João Rosa um grande e admiravel trabalho de minucias, de pequeninas observações parciaes, que dão ao personagem um caracter perfectamente definido, de uma nitidez extraordinaria. Um trabalho magistral, emfim, que honra um artista e salva uma peça.

Virginia fez rasoavelmente a sua *Deademonia*, com muita suavidade e ternura.

Falco fez bem o papel de Emilia; teve scenas felizes, principalmente aquella em que, no quarto acto, responde ás interrogações de Othelo.

Os outros papeis, todos secundarios, foram regularmente feitos.

UM PARISIENSE

Na terça-feira foi o beneficio de Augusto Rosa. Este artista é um dos que maie, e com mais justiça, têm merecido as sympathias do nosso publico. E' um actor extraordinario, de uma feição muito original, talvez unico na nossa lingua para o genero de papeis a que mais especialmente se dedica. E' um impassivel, que diz admiravelmente, com graça e extrema delicadeza. O seu mérito excepcional, não tem sido por ventura apreciado na devida conta, porque o seu genero não é o que mais fala ao publico.

A comedia de Gondinet, que elle escolheu para seu beneficio, é uma comedia de entrecho simples. O auctor procurou e conseguiu esboçar o typo do *parisiense blasé*, adstricto ao seu *boulevard*, que do mundo apenas conhece a França, da França apenas conhece Pariz e de Pariz apenas conhece o *boulevard*. Homem despreoccupado de tudo, gasto em todos os requintes do luxo, da alta elegancia, do *grand-monde* e do *Sport*. Os tres actos não têm quasi acção; são a apresentação d'esse typo, tão particularmente parisiense que não pôde quasi ser comprehendido fóra do seu meio. Sob este ponto de vista a comedia é admiravel. Mas tambem tem muito espirito e bellas phrases, d'aquella originalidade picante de que só os francezes têm o segredo.

O desempenho que ao protagonista deu Augusto Rosa foi verdadeiramente notavel. Correcto, elegante, vagaroso, imperturbavel, mergulhado no seu egoismo, no seu amplo e sereno goso da vida, inquietando-se com futilidades e não se importando com o que é realmente sério, foi como Augusto Rosa comprehendeu e executou o seu personagem. Fel-o com muita egualdade e serenidade artisticas, sem effeitos que não resaltassem directamente da propria natureza extremadamente delicada e fidalga do seu typo. Um bello papel.

Silva Pereira esteve magnifico no papel de Pontaubert, um papel que quasi não tem que dizer, e que elle fez com grande relevo, caracterisando perfectamente o seu typo.

Costa fez um *Savourette* pittoresco e engraçadissimo, um bom marido feliz na sua enfelicidade, de um comico inexcusavel.

Baptista Machado quasi uada teve que fazer no seu pequeno pspel.

Carolina Falco fez muito bem a Sra. Pansubert a Amelia da Silveira fez uma graciosa e gentil Geneveva, muito iugueua e amavel.

Depois da comedia, Brazão recitou o monologo *A mosca*, uma deliciosa imitação de Fernando Oalleira. Não se pôde dizer um monologo com mais delicadeza e mais graça, nem mais finalmente sublinhando intenções. Um primor que mereceu prolongados applausos do publico e que nos deliciou. Augusto Rosa tambem recitou muito bem o monologo *O naufrago*, de Coppée, muito mal traduzido, o que lhe tirou toda a intensa emoção dramatica que tem o original francez.

Os admiradores de Augusto Rosa fizeram-lhe uma bella festa e offereceram-lhe muitos presentes de valor e de gosto. Os nossos cumprimentos.

RECREIO DRAMATICO

Subio ante-hontem á scena, pela primeira vez neste theatro, o sfamado drama de José Romano — *29 ou honra e gloria*.

A peça está bem ensaiada, montada a capricho e são de excellente effeito as suus scenographias.

Encarregou-se do papel de *29* o actor Dias Braga, dando-lhe bella interpretação e relevo.

Helens Cavalier d'isse com muito talento o seu papel de Maria; Balbina fez perfectamente o de Angelica; Maia' no de *Escopeta-rancheiro*, deu-uos um bom typo e manteve-se com agrado geral em todas as suas scenas; Castro, no de *Bataludo*, nada deixou a desejar, encarnou-se muito bem no seu personagem e trouxe os espectadores em continua hilaridade.

Os demais artistas concorreram na altura de suas forças para o bom desempenho do drama.

Ismenia, a nossa primeira actriz dramatica, faz beneficio na proxima semana com a primeira de *Lucrecia Borga*, grandioso drama de Victor Hugo.

D. PEDRO II

O beneficio de Emanuel na noite de 29 do passado foi uma festa inenarravel, estrondosa, a maior, talvez, que aqui se tenha feito a um artista.

As folhas diarias já deram d'ella uma idéa. Nós, desistimos de tentar descrevel-a. Após o espectáculo, cerca de duas mil pessoas acompanharam o grande actor até á sua casa, em gloriosa *marche aux flambeaux*.

Emanuel falou de uma janella, agradecendo, e terminou saudando o Brazil. Respondeu-lhe o director d'esta folha, congratulando-se com os finmenses pelas festas a Emanuel e erguendo-lhe o ultimo viva.

Em outro logar da folha publicamos os versos recitados pelo nosso compa-

nheiro Alfredo da Souza e transcrevemos o correcto e inspirado soneto de Generino dos Santos. Distribuido em avulso, e que figura no quadro offerecido a Emanuel pelos alumnos da Academia de Bellas Artes.

P. TALMA.

Decoração ou expressão, convencionalismo ou realismo, imitação ou sinceridade, eis o dilema da arte contemporanea.

R. ORTIOÃO.

A EMANUEL

NA NOITE DE SEU BENEFICIO

Ah! il mio pensiero faticoso!...

W. Shakespeare, Hamlet, Act. I. Scen 3.

Perguntaram-me, ao ver-te, o que era a Arte
E eu, que bem sei que a Arte é a Natureza,
Não tal qual ella é, mas, com certeza,
Como o Artista a sentio por toda parte;

Vendo-a através de ti, pus-me a estudar-te,
E achei que lhe imprimias tal grandexa,
Que bem não sei se era a Natureza
Humana aquillo... e disse: «Aquillo é a Arte»

Quando te vi, porém, punindo o crime,
Surprehendo no Hamlet a alma humana
Em flagrante delicto do sublime...

Quando te vi, de rastos, no proscenio,
Silvar á enorme dor shakespeareana...
— «E' mais do que a Arte» — disse — «Aquillo é o Genio!»

GENERINO DOS SANTOS.

Rio, 7—39—1887.

SPORT

Com bastante concurrencia e animação realisou o Prado Villa Isabel no domingo passado uma espiandida corrida, cujo programma importantissima constou de sete pareos preenchidos por excellentes parelheiros, mais ou menos preparados a disputar os tiros em que foram inscriptos.

Eis o resultado dos pareos:
No 1º pareo, 1450 metros, inscreveram-se 14 parelheiros, e sendo este numero crescido, deliberou a digna-directoria dividir este pareo em duas turmas, sendo a 1ª turma da 1 a 7 e a 2ª de 8 a 14.

A 1ª turms foi ganha por Zaire em 101 segundos fazendo boa corrida e seguido de Tufão que chegou em 2º lugar. Pampeiro, Juanita e Serodio não mereceram classificação. Rateio 438 100.

A 2ª turma foi ganha em 109 segundos pelo Barão de Pituassú e com geral espanto. Blanche que, a principio conservou-se na ponta, chegou em 2º lugar e completamente exhausta. Guacho em 2º lugar. Tambem correu Tejo. Ninou e Princeza não correram. Rateio 2108 800.

No 2º pareo, 1800 metros, houve uma partida falsa em que Dandy correu 1600 e tantos metros sem que o jockey pudesse soffreal-o. Dada novamente a partida Boreas venceu oa seus comptidores em 122 segundos com alguma facilidade, seguido de Diva que teve o

2º lugar. Dandy chegou em ultimo lugar bastante fatigado. Rateio 15\$100.

No 3º pareo, 1300 metros, houve um infeliz partida e favoravel n Rapid que em 85 segundos venceu os seus competidores que pouca disposição tiveram em disputar o premio. Lady que chegou em 2º lugar, foi multada pela directoria em 500\$ por não ter corrido licitamente e Ormonde em 200\$ por identicas razões e chegou em 4º. Appollo em 3º lugar. Cancañière e Lord em ultimo. Rateio 35\$600.

No 4º pareo, 1800 metros, Daybreak em 123 segundos venceu os seus competidores, fazendo boa corrida e com facilidade, apesar de ser guereado pelos seus adversarios. Remise chegou em 2º lugar e em boas condições, nos parecendo ter melhorado. Olinda em 3º lugar. Pancy e Amazonas em ultimo lugar. Africana não correu. Rateio 14\$800.

No 5º pareo, 1800 metros, Regente em 127 segundos e com alguma folga venceu os seus adversarios, tendo corrido na retaguarda. Bayocco que partio na ponta affrouxou chegando sem classificação. Rondello fez boa corrida chegando em 2º lugar, perdendo apenas por meio corpo. Vampa em 3º lugar. Violão, Douro, Parabybn, Bonita, Cyclone, Jenny, Cbapecó e Bayocco não mereceram classificação e fizeram má corrida. Rateio 31\$100.

No 6º pareo, 1460 metros, Handicap, Appollo em 96 segundos venceu os seus competidores, aproveitando-se da porfiada luta entre Musico, Dr Cacete e Madama que chegou em 4º lugar. Musico em 2º e Dr. Cacete em 3º. Siva e Maestro na bagagem. Le Loup, Pancy e Victorious não correram. Rateio 157\$700.

No 7º pareo, 1450 metros, Berenice foi a vencedora com alguma vantagem. Corcovado, cahindo o jockey, atrapalhou a corrida de Espadilha que foi soffreada nesta occasião para não esbarrar-se com Corcovado, que deu causa a chegar em 2º lugar. Mandarim II em 3º lugar. Oboé e Pistou não tiveram classificação.

Neste pareo não houve poule, por ter idisputado um pouco tarde, o que muito acertadamente resolveu a directoria.

O jogo da poule attingiu a somma de 88.220\$000.

Inaugurou-se com bastante animação nos terrenos da Villa Guarany, mais um club de corridas—o Sport-Club Situado na mesma localidade onde exestio o Sport Fluminense, melhorou a antiga rain desse extincto club, assim como as archibancadas, e mais dependencias, apresentando-nos um programma regular, que foi brilhantemente executado, sendo todos os pareos bem disputados, com a maior lisura e com feliz exito.

Desejando a prosperidade desta distincta sociedade, fazemos votos para que a activa administração, adquirindo maior extensão de terreno, a colloque ao lado das suas congeneres.

Eis os vencedores: Rigoletto no 1º e 6º pareos, Villa-Nova no 2º e 5º pareos; Pancy no 3º pareo e Castiglioni no 4º pareo.

As corridas terminaram na melhor ordem, retirando-se os amadores do surf inteiramente satisfeitos pela boa direcção.

Com programma importante realisa amanhã o Derby-Club o seu Grande

—Premio Derby-Nacional: 5:000\$ ao 1º; 1:000\$ ao 2º e 500\$ ao 3º, sendo o tiro de 2000 metros.

Pelos animmes nacionaes de tres annos que neste pareo estão inscriptos, deverá ser bem disputada e interessante esta corrida, sendo a primeira vez que concorrem tantos parelheiros superiores e de forças não experimentadas. Desejamos felicidade na execução do programma e que poucos *forfaits* se apresentem.

L. M. BASTOS.

Para viver em Pariz são precisas tres cousas: ter dinheiro, ter saúde e ter espirito. Sem saúde e sem dinheiro Pariz ainda é talvez a melhor das cidades.

Mas sem espirito é impossível.

R. ORRIGÃO.

FACTOS E NOTICIAS

G. EMANUEL

No sabbado, ás 7 horas da noite, realiso-se no *Hotel de Londres* o banquete promovido pelos Srs. Luiz de Castro filho, Furtado Coelho e Valentin Magalhães.

Tomaram assento á mesa, e pela seguinte ordem, os seguintes senhores:

Ao centro, no lugar de honra, Emanuel. A sua direita sentaram-se os Srs. Furtado Coelho, Malafaia, Antonio Azeredo e Castello; á sua esquerda, os Srs. Luiz de Castro filho e Dr. Pederneras (*Jornal do Commercio*), commendador Aguiar, Arthur Azevedo (*Novidades*), Dr. Moreira Sampaio, Luiz de Andrade (*Revista Illustrada*), Alfredo Gouçalves (*Gazeta de Noticias*), João Clapp e Alfonso Roche.

Na outra face da mesa sentaram-se os Srs. Valentin Magalhães (*Semana*), José do Patrocínio (*Gazeta da Tarde*), Dr. Cyro de Azevedo, Baldomero Fuentes (*Jornal do Commercio*), maestro White, Gnsparoni, Coliva, G. Fogliani (*L'Italia*), Filinto d'Almeida (*Semana*), Urbano Duarte (*Diario Mercantil*, S. Paulo), Angelo Agostini (*Revista Illustrada*), Rodolpho Bernardelli, Dr. Sayão Lobato, Teixeira e José Rebello, além de outros cavalheiros, que occuparam diferentes logares na mesa e chegaram durante o banquete.

A conversação entabou-se logo, apenas servida, ou melhor: apenas servida a deliciosa *bisque d'ecrevisses*. Emanuel é um *causeur* adoravel. Sua conversação prima especialmente pela justesa dos conceitos e pelo criterio das observações. Interrogado se de facto havia sido agraciado com o officialato da Rosa, e mais: se era certo haver o recusado, como se propalára, respondeu que não havia tido ainda nenhuma communicação official e que saberia mostrar-se grato á gentileza da Regente, cnso, de facto, o condecorasse. Affirmou, no entanto, que era republicano e contou que, em moço, na Austria, soffrera alguns dias de prisão em consequencia de uma fogosa manifestação patriótica.

Gosta extremamente de Emilio Zola. Já fez o *Assomoir*; representou-o em Napoles e em outros logares, quinze noites. Mas sentindo que adquiriria uma

molestia nervosa se continuasse a fazer o papel do *Coupeau*, a desgraçada victima do *delirium tremens*, abandonou o papel. Imaginou-se de que modo o faria elle! Contou que estudara essa horrivel molestia em tratados e revistas de medicina, não tendo podido observar-a directamente por não haver em Napoles, na occasião, nenhum caso de *delirium tremens*, sendo os napolitanos geralmente sobrios.

Mostrou-se muito reconhecido e afeiçoado aos fluminenses pela maneira porque o trataram.

Assim, conversando cordial e alegremente, correu o banquete.

Ao saltar a rolha da primeira garrafa de *champagne*, ergueu-se o Sr. Luiz de Castro filho e leu o seguinte discurso, que traduzio perfectamente a intenção d'aquella festa e os sentimentos que a promoveram:

«Emanuel. — C'en'est pas un excès de vanité qui me fait prendre la parole dans une langue qui n'est ni la mienne ni la vôtre.

Mais j'ai pensé que, dans une réunion où se trouvent dignement représentées presque toutes les nations, je ne pouvais mieux faire que de choisir une langue regardée comme universelle et qui est toujours employée dans les grandes occasions, pour être le faible, bien faible, interprète des sentiments, non seulement de ceux qui se trouvent ici, mais de milliers de personnes qui ont pour votre génie l'admiration la plus profonde et la plus légitime. Dans ce modeste dîner que nous vous offrons, il n'y a pas que le désir de rendre hommage à l'artiste qui nous a fait passer par les émotions les plus diverses et les plus agréables qui soient du domaine du cœur humain; il y a aussi un peu d'égoïsme. Après avoir applaudi l'artiste, nous avons voulu rester quelques heurs avec l'homme, le le sentir tout près de nous, bien à nous, car l'un est certainement digne de l'autre.

Ne voyez donc ici qu'une réunion d'amis qui, ayant rendu hier hommage à l'artiste, saluent aujourd'hui l'homme au cœur noble et convaincu, qui a lutté sa vie entière pour la réalisation d'une idée, et qui est sorti victorieux de la lutte à force de travail, de persévérance et de génie.

Emanuel, quand, couvert de lauriers, fatigué de triompbes, vous serez arrivé dans cette belle Italie, si prodigue en grands artistes quand, votre nom aura retenti dans le monde entier, souvenez-vous qu'il y a par de là les mers tout un peuple qui a su reconnaître et applaudir la révolution que vous avez opéré dans l'art; souvenez-vous que ce peuple a gravé votre nom dans son cœur et qu'il vous a dit un jour: Emanuel, au revoir. Ce n'est donc pas a votre départ que nous buvons, c'est à votre prochain retour.»

Em seguida ergueu-se o director desta folha e em nome d'ella, após um curto discurso, offerceu a Emanuel um exemplar do ultimo numero, impresso a ouro sobre papel pergaminhado, guardado em um estojo de pelúcia *grénat*.

Foram depois levantados os seguintes brindes:

De Emanuel no Brazil, recordando as provas de alta consideração de que tem sido alvo e agradecendo-as: do Sr. José do Patrocínio, em nome da imprensa, a Emanuel; do Sr. Dr. Cyro de Azevedo, em nome do Gremio de Letras

e Artes, a Emanuel, como litterato; do Sr. Paula Ney, a Emanuel, recordando o nome de outro genio da arte dramatica—Sarah Bernhardt; do Sr. Arthur Azevedo a Duse-Chechi; de Castro filho a Virginia Reiter; de Patrocínio á companhia italiana na pessoa de Valenti; de Emanuel a Furtado Coelho e á sua gloriosa consorte; de Filinto de Almeida, em nome da critica theatral, a Emanuel; do Sr. Furtado Coelho á imprensa, unanime em applaudir a maneira de interpretar do grande artista, revelada nos seus trabalhos; de Baldomero Fuentes á Italia; de Emanuel aos seus collegas que o precederam em viagens ao Brazil—Salvini, Rossi, Ristori, Pezana, Tessera, Duse, Sarah Bernhardt, Brazão, irmãos Rosa e Virginia; de Valentin ao Sr. Furtado Coelho; do Sr. Paula Ney a Bernardelli; de Emanuel a Angelo Agostini; do Dr. Cyro tambem a A. Agostini; de Valentin a Orestes Coliva; de Arthur Azevedo ao Dr. Fogliani, representante da imprensa italiana no Brazil; do Dr. Pederneras ao architecto Bessi, constructor do monumento do Ypiranga; de Ney ao Sr. Clapp, pedindo a Emanuel que não partisse do Brazil sem deixar do seu nome a recordação de haver collaborado para a liberdade dos escravos, da qual é valente propugnador o cavalheiro a quem saudou.

O banquete terminou por um brinde do Sr. Furtado Coelho, que disse ser de estylo, em manifestações de tal orden. terminar os festins por uma saudação ao monarcha. O banquete que se realisava era um banquete de artistas, e por isso entendia que devia encerra-lo com um brinde á memoria de João Caetano.

Em meio do banquete, o director d'esta folha leu a seguinte poesia de Alberto Silva:

G. EMANUEL

DEPOIS DE VEL-O REPRESENTAR O

HAMLET

*E's o tufão que, sob as mudas arcarias
Dos palacios em ruina, acorda os esqueletos.
Do somno secular das tradições sombrias.*

*Como o vago pulsar de corações secretos,
Surdo soa teu passo... E tua voz rebenta
Como um arco luar sobre os abismos quietos.*

*E's a alma d'essa noite horrivel, lufulenta,
Onde é Jesus um astro, onde é um verme Nero;...
E a tumba de Alexandre é uma jaula sangrenta...*

*Do teu genio infernal no ardente reverberio,
Como no espelho nio de tumultuoso oceano,
Passam as gerações... Tu és o torvo Athéoro*

*Que, sedento de Ideal, allucinado, insano,
Cruzas o negro imperio interminio da Morte...
Shakespeare é teu rei extranho e sobrehumano;*

*Cujo tumulto se abre ao teu genial transporte,
Para te segredar como uma bocca eterna,
As perfidias do fraco e as coleras do forte...*

*Sabes, como uma fera, a lugubre caverna
Des corações, e vazes pelos desertos da alma,
Como uma aguiá que corta a vastidão superna,*

*Como um grande abatroz que ás azas no alto espal-
ma.
Em tua voz, que fere e em teu olhar, que grita,
Brilha tambem do amor toda a doirada calma...*

*Nesse mento fatal de Hamlet, que se agita
Na tua espada audaz, e arrastas pavoroso,
Parece que nossa alma arrasta-se, palpita*

*Na negra obcecção de um sonho doloroso...
E vazes odiento, atroz, horrivel, trelioucado,
Monstro hediondo e divino, archanjo tenebroso...*

Ficas só, no avelar sombrio do passado,
Como o sol, como um deus... Na tua mão estranha
Escoaça um poema enorme, esplendido, ignorado...

Feres aureo instrumento... E no alto da montanha,
Onde ninguém te segue, altivo e triunphante,
O sol da gloria a tua herculea fronte banha...

Gigante, dedilhar na tiorba de um gigante!

A's onze horas terminou essa bella festa, de caracter quasi intimo, tanta foi a alegria, a cordialidade, a franqueza que durante ella reinaram sempre.

Infelizmente alguns dos offerentes d'essa manifestação de apreço ao grande Emanuel não puderam comparecer; entre elles os Drs. Alberto Fialho, José Avelino, Joaquim Abilio, B. de Carvalho, o Sr. Guilberme dos Santos (do *Noivades*) e ainda outros.

Não terminaremos esta noticia sem dar os parabens ao *Hotel de Londres* pelo magnifico serviço que apresentou. Iguarias e vinhos eram dos melhores. Foi este o

MENU
POTAGES

Bisque d'ecrevisses e Printanier.

HORS-D'OEUVRES

Petits patés do saumon. Athereau de foie de canard.

RELEVES

Poissons à la Chambord. Filets à la Marechal.

ENTRÉES

Cotelettes d'agneau à la Soubise, Salmis de gibier à la Perigord. Galantines de macaco en Bellevue. Salade russe panachée.

COUP DU MILIEU

Punch au kirsch.

ROTIS

Dinde farcie aux marrons. Jambon D'York à la gelée.

ENTREMETS

Asperges sauce Mousseline. Pudding de Cabinet. Savarin aux Marasquin. Bavaoise aux fraises. Macédoine de fruits. Parfait au café et à la Vanille.

VINS

Madère, Xeres, Capri frappé, Bianco, Falerno rosso, Chianti, Rhum de la Jamaïque, Baralo, Champagne frappé, Lagrimas do Douro, Constance.

DESSERT ASSORTI.

A grande, a elevada, a importante função da mulher na sociedade humana não é ser telegraphista, ser boticaria, ser jornalista ou ser doutora: é ser mãe e é ser esposa.

R. ORTIGÃO.

CORREIO

Sr. Teoni. Do seu soneto, excluida esta estrophe:

«Quem me dera inda eu ver lá sobre o outeiro
Minha casa de telhas carcomidas!
Com um pé de cinamomo no terreiro,
Cada eu passava horas esquecidas...»

tudo o mais é fraquinho. Isto mesmo...

Sr. A. P. do C. J. Talvez que a sua traducção do *Rei dos Alnos*, de Gœtbe, seja de uma exactidão nunca vista; o que é certo, porém, é que os seus versos deixam muito a desejar; o que faz com que o senhor não possa vel-os em letra redonda.

Sr. A. O seu soneto de legua e meia vale menos que cousa nenhuma. Qui-proquò o que, homem de Deus?!... Bem qui-proquò que você me parece. Porque razão o meu amigo não faz colheres, ou não livra a Humanidade das moscas, se não tem outra coiza a fazer? Lembre-se bem que isto de poesia não é chocolate... de preto. Saude e bichas.

Sr. J. D. P. C. Não gostámos nem um tico da sua historia do reajejo. Isto de reajejos em verso é como maracujás em calda: agradam a muito pouca gente. Se é certo que o senhor vive num lugar que parece mais Honolulu do que outra coisa e que para ser uma outra Veneza apenas lhe falta... tudo, atire com a lyra para o borrarho e vá conversar com o boticario sobre as mazellas da visinhança, quando não queira jogar a bisca em familia. Sou tão seu amigo que nada lhe peço pelo conselho.

Sr. Cezarino de Paiva. O seu *Tête-à-tête* vel-o-á na Collaboração. E' bonitinho. é. Lavrou um tento, sim senhor.

Sr. Marzenaquet. Vão aqui mesmo os seus versos:

Senhora de olhos rasgados,
De mim tende compaxão:
São vossos escravizados
Minh'alma e meu coração.

A setta de vosso olhar
Varou-me o peito, senhora;
Deveis agora tratar
Da ferida, Dona Flora!

Está satisfeito, seu homem?

Sr. Flavio Flores. Se ainda nada disse, como diz o senhor na sua, sobre as suas *borboletas*, digo-lhe agora que... nada lhe direi. Disse.

Sr. J. S. de R. Não se lhe perdôa que o senhor, como morador no Ouro Preto, deixasse de fechar o seu soneto com chave do mesmo metal. Se tal tivesse feito, vel-o-ia publicatinho da Silva e Souza; mas já que o não fez, meu amigo, queixe-se de si.

«Era um dia publicação.
Sra. Leitora — sem mais nada, Melem-me se eu sei o que V. Ex. deseja d'este seu criado Mathias.

Pede-me que lance as vistas para as pobres regras de concordancia do artigo: *Joaquim Pires*, do Sr. Urbano Duarte no periodo que começa assim:

As creanças puras etc. Ora, minha chbara senhora, pelo amor de Deus!

Com estas suas desconcordancias de concordancia é que eu não concordo. Penso que muito mais bem avisada andaria V. Exa. se se importasse mais com os suns, do que com as regras do Sr. Urbano!

Sr. R. Prestes. O Sr. apresentou-se com tanta modestia e delicadesa, que demasiada maldade seria responder-lhe não digo já com 4, mas, sim, com uma só pedra na mão. Demais a mais, dispensou sempre algumas amabilidades á grammatica; senhora que, afinal de contas, tem, como as outras, direito ao uosso acatamento. Portanto vou aqui deixar algumas de suas quadras, as que melhor me soaram aos ouvidos.

Tratando de uma rosa que lhe dera a sua amada e que guardara no bahú (no fuddo provavelmente) diz o Sr. Prestes... com assucar:

DUAS FLORES

«Pura, linda, perfumada,
Foi tirada ao peito teu:
Está toda machucada,
Que agitada ali viveu...»

Desabrocha tão cheirosa,
Quão formosa, gentil é;
Cravo branco — flor mimosa —
D'essa rosa puz ao pé.

Se desculpas a ousadia,
Que alegria sentirei!
E contente o fatal dia,
Que eu temia, esperarei...

Vos invejo, puras flores,
Que em nnores vos unis;
Vos fitando sinto dores
E tremores mui febris...

E' que a rosa delicada,
Foi-mo dada por alguém,
E o cravo, uinha amada,
Dedicada ama também.

Ui!... seu Prestes!

Sr. D. E. M. M. O seu soneto tem descuidos de forma. Este vereio, por exemplo:

«Não perturbem, não; deixem descaçar,» tem a quantidade de syllabas imposta pela regra, mas, subterfugios á parte, é mal soante como uma marimba velha. Depois, aquelle accumulo de agudos nos tercetos é por demais desairoso. Já vê, pois, V. Exa. que o seu soneto não pode apparecer.

Sr. S. X. T. Houve de facto erro de composição no pensamento de Chamfort, que é este: «A mudança de modas é o imposto que a industria do pobre lança á vaidade do rico.»

ENRICO.

ANNUNCIOS

O advogado Dr. Valentim Magalhães é encontrado no seu escriptorio todos os dias, das 10 horas da manhã ás 3 da tarde—Rua do Carmo 34.

Dr. Cyro de Azevedo.—Advogado. Das 10 ás 4 horas.—Becco das Cancellas u. 2.

Hotel das Familias dirigido por A. M. de Miranda Leone Mogy-Mirim. Provincia de S. Paulo.

Pharmacia Americana de Vicente Severino de Vasconcellos. Estação do Patrocínio. E. de F. Leopoldina. Minas.

Augusto Luzo.—incumbe-se gra tuitamente de causas de liberdade na Cidade do Muzambinho—Minas.

Relojoeiro—Alfredo Cesar da Silveira—Rua de S. José n. 51—Em frente á rua da Quitanda.

Julio Cezar Tavares Paes encarrega-se de liquidações amigaveis ou judicias na cidade de Muzambinho e seu termo.

O Hotel Derby, na rua Sete de Setembro, n. 5, serve com acoio e optima cosinha. Esplendido terraço com caramanchões.

Advogado—Capitão Timotheo Ribeiro de Freitas—Largo do Rosario—Barbacena.

O cobrador Bernardo da Silva Brandão Junior continua a receber cobranças por porcentagem razoavel. Cidade de Ouro Fino, Minas.

Constructores de machinas e appparehos para lavoura—Schubert Irmãos, Haas & C.—Juiz de Fora.

«O Municipio» — Redacção: Dn. FORTUNATO MOREIRA E L. DE TOLEDO — Gerencia: WENCESLAU ROSA — CASA BRANCA.

Alvares matthues, poesias de Carlos S. de Avellar Brotéro, com uma introdução do Exm. Sr. Dr. Affonso Celso Junior. A sair do preço. Preço do volume: 2\$000.

Dr. André Rangel. — C. Rua da Quitanda n. 20. R. Rua do Cosme Velho n. 4 B.

F. Navarro de M. Salles — encarrega-se de defezas perante o jury. Muzambinho—Minas.

Dr. Araujo Filho — Medico par teiro; Residencia, rua Visconde do Rei Branco, no. 36

Dr. Netto Machado (medico e operador.) Eep. Molestias da pelle e syphiliticas. Cone. rua do Visconde de Inhaúma, 31, do meio-dia ás 2 horas.

FABRICA PEROLA

Torrefacção de café

Este afamado café vende-se na fabrica, á rua do Sacramento n. 32, e nas principaes casas do molbados e confeitarias.

CAMPOS

A FLORA BRAZILEIRA

Chá, Cera, Matte, Rapé e Sementes.

PIMENTEL & DUARTE

81 Rua da Uruguyana 81

RIO DE JANEIRO

LYRICA

DE

FILINTO D'ALMEIDA

Primoroso volume de poesias, elegantemente impresso a duas cores. 300 paginas.

Preço..... 3\$000

A' venda nas livrarias Garnier e Laemmert, e no escriptorio d'esta folha.

VERSOS E VERSÕES

DE

RAYMUNDO CORRÊA

Magnifico volume de poesias, nitidamente impresso.

Preço..... 2\$000

A' venda no escriptorio d'esta folha e nas livrarias Garnier e Laemmert.

DEBRY-CLUB

PROGRAMMA DA 8ª CORRIDA

A REALIZAR-SE

DOMINGO 7 DE AGOSTO DE 1887 DOMINGO

AO MEIO DIA EM PONTO

GRANDE PREMIO DERBY NACIONAL

1º pareo—A's 12 horas—**Lemgruber**—1609 metros—Animas nacionais de meio sangue que não tenham ganho este anno—Premios: 600\$ ao primeiro, 120\$ ao segundo e 60\$ ao terceiro

Ns.	Nomes	Fellos	Idades	Naturalidades	Pesos	Cores das vestimentas	Proprietarios
1	Verbena.....	Castanho..	4 ans	R. de Jane..	50 kil.	Azul e ouro.....	Coud. Santa Cruz.
2	Monitor.....	Idem.....	4 »	Idem.....	60 »	Azul, branco e encarnado.....	Coud. Cruzeiro.
3	Violão.....	Alazão.....	5 »	S. Paulo....	54 »	Vermelho.....	Tattersall Campineiro.
4	Violino.....	Idem.....	4 »	Idem.....	52 »	Vermelho e preto.....	Tattersall Campineiro.
5	Araby.....	Idem.....	5 »	R. de Jane..	54 »	Grénat e lyrio.....	Coud. Carioca.
6	Medon.....	Rosilho... 4 »	Paraná....	52 »	Azul e branco.....	S. P.	
7	Vampa.....	Zaino..... 5 »	Rio Grande	56 »	Azul e grénat.....	Coud. Paraíso.	
8	Feiticeira.....	Alazão..... 4 »	R. de Jane..	52 »	Grénat e rosa.....	F. G.	
9	Corcovado.....	Castanho.. 3 »	Idem.....	49 »	Grénat e ouro.....	J. S.	
10	Cyclone.....	Idem..... 4 »	Idem.....	52 »	Ouro, e bonet azul.....	Coud. Alliança.	
11	Bayoco.....	Idem..... 5 »	S. Paulo....	58 »	Branco e encarnado.....	Oliveira J. & Lopes.	

2º pareo—A's 12 3/4 horas—**Extra**—1450 metros—Animas estrangeiros de 2 annos—Premios: 800\$ ao primeiro, 160\$ ao segundo e 80\$ ao terceiro

1	Escudo.....	Castanho.. 2 ans	Inglaterra..	45 kil.	Encarnado e azul.....	Coud. Brasileira.
2	Rapid.....	Alazão..... 2 »	Idem.....	45 »	Encarnado, preto e branco.....	Vianna Junior.
3	Lady.....	Castanho.. 2 »	Idem.....	43 »	Azul.....	C. O.
4	Ormonde.....	Zaino..... 2 »	França....	45 »	Perola.....	A. Vianna.
5	Cançaniere.....	Castanho.. 2 »	Idem.....	43 »	Havana e branco.....	Coud. Alliança.
6	Vicière.....	Alazão..... 2 »	Idem.....	43 »	Azul e palha.....	J. M. Miranda.

3º pareo—A's 1 1/2 hora—**Progresso**—1750 metros—Animas nacionais até meio sangue—Premios: 800\$ ao primeiro, 160\$ ao segundo e 80\$ ao terceiro

1	Bonita.....	Alazão.... 5 aus	S. Paulo... 52 kil.	Branco e encarnado.....	J. Machado
2	Biscaila.....	Idem..... 4 »	Idem..... 52 »	Azul e ouro.....	Coud. Santa Cruz.
3	Regente.....	Castanho.. 4 »	Idem..... 52 »	Vermelho e preto.....	Tattersall Campineiro.
4	Temor.....	Zaino..... 4 »	Idem..... 51 »	Vermelho.....	Idem, idem.
5	Intima.....	Castanho.. 6 »	Idem..... 52 »	Grénat e lyrio.....	D. A.
6	Odallisa.....	Pampa.... 4 »	Idem..... 52 »	Verde branco e encarnado.....	Coud. Excelsior.
7	Druid.....	Tordilho.. 5 »	R. de Jane.. 56 »	Branco e encarnado.....	Oliveira J. & Lopes.

4º pareo—A's 2 1/4 horas—**Grande Derby Nacional**—2000 metros—Premios: 5.000\$ ao primeiro, 1.000\$ ao segundo e 500\$ ao terceiro

1	Espadilha.....	Castanho.. 3 ans	S. Paulo... 50 kil.	Ouro, e bonet azul.....	Coud. Alliança
2	Esmeralda.....	Idem..... 3 »	Idem..... 50 »	Havana e azul.....	Idem.
3	Arceimed.....	Zaino..... 3 »	Idem..... 52 »	Ouro, bonet azul.....	Idem
4	Max.....	Alazão.... 3 »	Minas..... 52 »	Verde branco e encarnado.....	Coud. Excelsior
5	Cupidon.....	Zaino..... 3 »	R. de Jane.. 52 »	Branco e preto.....	M. U. Lemgruber.
6	Lyra, ex-Magnolia.....	Alazão.... 3 »	S. Paulo... 50 »	Vermelho.....	Tattersall Campineiro
7	Orchestra.....	Douradilh 3 »	Idem..... 52 »	Vermelho e faixa.....	Idem.
8	Pancada.....	Zaino..... 3 »	Idem..... 50 »	A. P.
9	Tiple, ex-Locom.....	Idem..... 3 »	Idem..... 50 »	Vermelho e faixa.....	Tattersall Campineiro.
10	Pierrot.....	Tordilho.. 3 »	R. de Jane.. 52 »	Grénat e lyrio.....	D. A.
11	Berenice.....	Alazão.... 3 »	Idem..... 50 »	Ouro e branco.....	Coud. Fluminense.
12	Vendea.....	Pangaré... 3 »	S. Paulo... 50 »	Verde.....	J. G. Nogueira.
13	Absintbo.....	Castanho.. 3 »	Idem..... 52 »	Azul e ouro.....	Coud. Santa Cruz.

5º pareo—A's 3 horas—**Cosmos**—1609 metros—Animas estrangeiros de 3 annos, que não tenham ganho este anno—Premios: 800\$ ao primeiro 160\$ ao segundo e 80\$ ao terceiro

1	Remise.....	Preto..... 3 ans	França.... 47 kil.	Ouro preto e faixa.....	F. Schmidb.
2	Paraguay.....	Castanho.. 3 »	Inglaterra.. 47 »	Azul e grénat.....	P. Lima.
3	Pharao.....	Alazão.... 3 »	França.... 49 »	Azul, branco e encarnado.....	Coud. Cruzeiro.
4	Queen.....	Castanho.. 3 »	Inglaterra.. 47 »	Azul.....	C. O.
5	Fashionable.....	Alazão.... 3 »	França.... 49 »	Grénat e lyrio.....	D. A.
6	Babylonia.....	Castanho.. 3 »	Idem..... 47 »	Havana e azul.....	J. R.
7	Olinda.....	Zaino..... 3 »	Inglaterra.. 47 »	Grénat e ouro.....	Coud. Carioca.
8	Perception.....	Castanho.. 3 »	Idem..... 47 »	Verde.....	J. F. R.
9	Amazonas.....	Idem..... 3 »	Idem..... 49 »	Azul e amarello.....	C. & F.

6º pareo—A's 3 3/4 horas—**Rio de Janeiro**—2000 metros—Animas que não tenham ganho este pareo—Premios: 1.000\$ ao primeiro 200\$ ao segundo e 100\$ ao terceiro

1	New-York.....	Alazão.... 4 ans	França.... 52 kil.	Ouro e preto.....	F. Schmidb.
2	Coupon.....	Idem..... 4 »	Idem..... 52 »	Azul, branco e encarnado.....	Coud. Cruzeiro.
3	Musico.....	Preto..... 5 »	Idem..... 54 »	Vermelho.....	Tattersall Campineiro.
4	Victorious.....	Zaino..... 4 »	Idem..... 54 »	Vermelho e faixa.....	Idem.
5	Daybreak.....	Idem..... 3 »	Inglaterra.. 49 »	Azul e ouro.....	D. Julia Vieira.
6	Perle.....	Idem..... 4 »	França.... 50 »	Branco e encarnado.....	Oliveira J. & Lopes.
7	Dr. Cacete.....	Idem..... 4 »	R. da Prata 52 »	Grénat e ouro.....	J. S.
8	Carmen.....	Alazão.... 5 »	Inglaterra.. 52 »	Branco e preto.....	M. U. Lemgruber.

7º pareo—A's 4 1/2 horas—**Derby-Club**—1609 metros—Animas nacionais de puro sangue—Premios: 1.000\$ ao primeiro 260\$ ao segundo e 100\$ ao terceiro

1	Talisman.....	Alazão.... 6 ans	S. Paulo... 58 kil.	Azul, branco e encarnado.....	Coud. Cruzeiro.
2	Contralto.....	Douradilh 5 »	Idem..... 54 »	Vermelho.....	Tattersall Campineiro.
3	Soprano.....	Idem..... 4 »	Idem..... 52 »	Vermelho e preto.....	Idem.
4	Boreas.....	Castanho.. 5 »	Idem..... 60 »	Grénat e violeta.....	Coud. Rio de Janeiro.
5	Divã.....	Alazão.... 4 »	R. de Jane.. 58 »	Ouro e branco.....	Coud. Fluminense.
6	Dandy.....	Vermelho. 4 »	S. Paulo... 54 »	Grénat e ouro.....	F. Vianna.
7	Ypranga.....	Castanho.. 4 »	S. Paulo... 52 »	Branco e preto.....	M. U. Lemgruber.

EMULSÃO

DE

SCOTT

DE OLEO PURO DE

FIGADO DE BACALHÃO

Hypophosphitos de cal e soda

Approvada pela junta de hygieno e autorizada pelo governo

O MELHOR REMEDIO ATÉ HOJE DESCOBERTO PARA

Tísica, bronchites, escrophulas, rachitís, anemia, debilidade em goral, defluxos, tosse chronica e afecções do peito e da garganta

E' muito superior ao oleo simples da figado de bacalhão, porque, além de ter cheiro e sabor agradaveis, possui todas as virtudes medicinaes e nutritivas do oleo, além das propriedades tonicas e reconstituintes dos hypropophosphitos. A' venda nas drogarias e boticas

COLLEGIO INTERNACIONAL

INTERNATO E EXTERNATO

DIRIGIDO POR

E. GAMBÁRO

121 RUA DE S. CHRISTOVÃO 121

Póde ser visitado a qualquer hora. Estatutos nas principais livrarias.

AS ULTIMAS NOVIDADES

em legitimos e superiores chapéus ingleses e francezes oncont ram-se ná

CHAPELARIA INGLEZA

especial só em chapéus finos

120 Rua do Ouvidor 120

GRANDE FABRICA DE FLORES

RUA DO PASSEIO, 38

RIBEIRO DE CARVALHO & C.

PROPRIETARIOS.

Tem sempre grande variedade de flores para todos os gostos e preços, assim como

GRINALDAS PARA ENTERROS

DEPOSITO

RUA DO OUVIDOR, 45

ESCRITORIO

Rua da Quitanda, 133 A

Recbem encomendas, que executadas com a maior promptidão esmero e modicidade de preços.

Typ. d' a Semana, r. do Ouvidor, 45, entradã